



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Pôrto

# DOCTRINA

**C**ONTINUAMOS a reproduzir aqui as notícias da «creança abandonada», que o Pôrto ouviu, magoado, naquele dia; e para que agora outros as conheçam, lendo, e se magoem também.

O sangue da Cruz regou a terra e gerou afinidade; e daqui nasce que tôda a obra social será tanto mais santa e doce, quanto mais humana fôr.

Vamos escutar mais uma palestra:

Senhores ouvintes desta estação emissora; eu não tenho outro título para vir hoje à vossa presença, senão somente o de recoveiro dos pobres, tendo previamente tomado a resolução de me fazer pobre por seu amor, para que assim mais facilmente os compreenda e com mais rendimento os sirva. Nesta prática de mendigo de pobres, tenho colhido grandes experiências nos casebres e nas barracas onde eles habitam, e tenho igualmente aprendido muito nas estupendas lições de resignação e de capacidade de sofrer que eles, os pobres, dão à gente, na sua imerecida miséria.

Foi também da experiência do tugúrio que eu colhi a paixão pelas crianças deserdadas. Esta paixão cresceu dentro do meu peito sem nunca ter perdido o equilíbrio dos apaixonados. Por muito tempo considerei a melhor forma de amparar convenientemente a legião das pequeninas vítimas da fome lenta, até que, há coisa de 4 anos, deparou-se-me uma quinta muito airosa em Miranda do Côrvo, junto à serra da Lousã, e ali se levantou o primeiro reduto de amor, abrigo perfeito da criança abandonada, sob o sinal da cruz. Três anos depois, a casa e a quinta eram pequeninas para a afluência dos vadios que vinham pelo seu pé pedir um lugar à nossa mesa— a

mesa dêles. Apresentavam-se na sua clássica indumentária como nós estamos afeitos a vê-los nas ruas e nos caminhos, escondendo debaixo daqueles farrapos uma alma muito nobre capaz de grandes coisas, com desejo estuante de serem amados e infinita capacidade de amar. Submetiam-se alegremente ao trabalho e à obediência do irmão mais velho, que o nosso sistema de educar, exclue tôda a sorte de serventes e funcionários.

As ambições espirituais são permitidas. Os ambiciosos desta natureza, são os grandes conquistadores das almas, que não ferem interesses de ninguém. Eu tinha a ambição de ver a obra alargada, de salvar mais crianças da miséria, dentro duma quinta com maiores possibilidades, e foi assim que dei fundo em Paço de Sousa, lancei ancora dentro duma quinta de 25 hectares e eis que se levanta perto da cidade do Pôrto um segundo reduto de amor, para libertar dos vícios da mocidade das ruas, os adoráveis garotos da Invicta.

Eles andam empenhados em construir uma aldeia e têm já 7 moradias construídas, tôdas de granito, que hão-de ser amanhã as suas esbeltas residências; tudo casinhas à portuguesa, a falar português, para abrigar portugueses. Começamos em Abril de 1943 e já somos uma comunidade de 70, todos da marca que dizem respeito à nossa especialidade; são os viciosos, os malcriados, os filhos da rua, os que não sabem onde, nem de quem nasceram; os aprendizes de gatunos. Em uma palavra, os herdei-

ros forçados da miséria social, triste herança que nos vem de geração em geração e tende a avassalar o mundo, se não houver quem levante a mão e detenha. Eles fur-

tam infinitas coisas dentro das nossas casas. Propositadamente deixámos tudo aberto: caixas, armários, gavetas, portas, tudo aberto. Não queremos tentar a fraqueza dos pequeninos, senão que dando-lhes ensejo a que furtem, têmos ocasião de os corrigir. Já se deu o caso de fugirem de nossa casa 2 pequeninos larçãos com 95\$00 em dinheiro e algumas peças de ouro que me tinham oferecido. Fugiram um dia às 10 da manhã e nessa mesma tarde regressaram a casa e entregaram nas minhas mãos o dinheiro e os objectos, a chorar de arrependidos. Palmilharam naquele dia 22 quilómetros. Ninguém sabe o que entre eles se passou; as potências da alma são mistério. O que eu sei é que o amor, é uma grande força educativa. Os pequeninos foram amados debaixo das nossas telhas e de novo regressaram a esta fonte de amor. Um dêles, o mais velho, é filho de uma das muitas ilhas do arquipélago do Porto. O outro, que aparenta uns 8 anos de idade, é um daqueles muitos que nós cá temos, que não sabem dar conta de si e que tem de ser registados perante os oficiais de registo civil, na comarca onde vivemos.

Senhores ouvintes da emissora, terminei o meu recado; recado que os gaiatos de Paço de Sousa mandam para cada um de vós. Eles desejam prosseguir na construção da sua aldeia. Ela está posta para receber 250 dêles, e cada um dos pequeninos que hoje temos, alimenta no seu peito o desejo de salvar outros pequeninos perdidos. Noutro dia, foi a Coimbra o Luciano para tirar da miséria das

Continua na página 3.

# SOCIAL

## UMA NOVIDADE

**U**M dos nossos rapazes foi aviar um recado a Lisboa. É verdade. Um gaiato de 14 anos e pouco mais, levou a missão de acompanhar um irmão doente a um Instituto e de caminho, entregou três mensagens em outros tantos Ministérios,—o pequenino mensageiro da nossa obra. Foi documento vivo; prova rial; estímulo para outras obras.

Escrevi o itinerário, dei-lhe 300\$00, marquei tempo e lugares. O rapaz cumpriu satisfatoriamente. Chegou a casa à noite. Estávamos à ceia. Oh que matizada no refeitório! Todos saíram dos seus lugares irreverentemente, a saber coisas.

A novidade não está na acção do rapaz; qualquer um, de qualquer Estabelecimento congénere, podia fazer o mesmo.

Mandar que êle o faça. Interessa-lo no mandado. Deixa-lo abrir as azas e adejar; eis a verdadeira novidade. É muito fácil, sim, mas nunca ninguém o fez, ao menos que se saiba. Os ovos de Colombo são raros, mas aparecem.

A gente ensaia, observa e guarda no peito os primeiros vãos destas almas, sem estregar as mãos nem botar foguetes.

A Casa do Gaiato não é nenhuma MAQUINA DE FAZER SANTOS, como alguém disse, por picardia. Nós estamos aqui para fazer frente às rialidades. É impossível fazer todos os nossos deem táboa; muitos hão-de dar casqueira. É assim nas famílias bem nascidas. Com mais razão nesta, cujo nascimento foi desgraça, e infância, aborrecimento. É impossível. Aqui há tempos, foi-me dado ir buscar a certa cadeia, com licença do Ministro da Justiça, um rapaz. O Pai estava. Disse-me que tinha em casa mais sete filhos. —Eu não sei, bom padre, como isto pode acontecer!

Tenho recebido na minha vida muitas cartas de Pais aflitos, algumas com sinais evidentes de lágrimas caídas no papel, tal o amor àquêl filho! Pai e filho diante da realidade a viver o mistério do composto humano!

Ora eu também sou "pai", porque sou padre. Já tenho sofrido e estou para sofrer; é a glória da paternidade. Bem sei que não faço santos; pudera eu santificar-me nesta vida que elegi, por graça de Deus. Sei o terreno que piso.

Quando amanhã os jornais disserem ao publico o crime de um gaiato, basta encontrar um amigo que me saiba enxugar as lágrimas, como tantas que eu tenho enxugado a Pais e Mães dolorosos;—e caminho para a frente.

# Noticias Diversas

**C**HEGOU há tempos a nossa casa um castrão das ruas do Pôrto. Era noite quando êle subia. Estávamos à ceia. A porta que diz para o refeitório é de longas dimensões. O pequenino ficou no meio, a olhar as duas alas de garotos, ocupados a comer. Indeciso, não entrava. Vai senão quando um dos mais velhos que tem o lugar rentinho à porta exclama: *anda que és nosso!* E a criança dos caminhos entrou.

Assim como é verdade, tropeçar e cair o cego que conduz o cego, assim também aqui, os nossos pequeninos cheios de luz, levantam e conduzem, pela luz que irradiam.

Aquêle *anda que és nosso*, àquela hora, naquele sitio, por o pequenino irmão, foi uma luz que se acendeu na alma do recém-chegado.

**H**Á muita gente que pasma da nossa vida aqui dentro, tanto mais quanto mais de perto nos conhece; e desejaria saber qual o método seguido. Mais pasmo eu, porque não sou somente um observador. Sou vivificador. Aqui não há métodos; é tudo de cor, que diz *ex corde*. A mãe nunca teve método no dar o peito ao filhinho!

Sempre que tenho de me ausentar, oiço por toda a casa, à maneira que me afasto, um curioso para onde vai e um doloroso quando vem. Almas felizes no quente da nossa casa, ontem perdidas na lama dos caminhos! Senhor do Céu; não há ninguém no mundo que mereça a ventura de servir! Isto quando me ausento. No regresso é o mesmo cantar. Há um que levanta a voz, o primeiro que me vê, e logo passa palavra — *Padre Américo!* O que então se passa, só viato!

**F**OI em um destes dias de sol de inverno; eu tinha ido ver como a água corria nos nossos prados e, de regresso a casa, topo ao fundo da mata, muito justinhas, as nossas ovelhas quedas, felizes a olhar. A distância, o pequenino pastor, de cana sobraçada, está da mesma sorte.

O pastor é um daqueles que pelo seu pé tem de cá fugido e pelo seu pé tem regressado. Os muros da quinta, o medo da fome, os conselhos dos pequeninos irmãos; nada tem provado eficaz para a audácia do vadio dos caminhos. Só as ovelhas! Parece mesmo que estavam a falar, quando por ali passei elas, de quem Jesus tantas vezes falou na sua vida mortal, para ensinar aos homens coisas grandes! Só elas souberam prender o nosso adorável fugitivo, pela sua mansidão. Oh Mestres; rasgai os tratados!

**C**HEGOU aquela hora e ninguém sabia dar conta do «Parolo». Fugiu, foi a conclusão. O trabalho é o *papão* destes pequeninos vadios. Temo-los tido de tal raça que preferem ficar sem comer, a que trabalhar! Não há medida que se não adote, para os induzir ao gosto pelo trabalho. Pois o nosso Parolo fugira, era nossa convicção. O antecessor dêle, o *Sape-Gato*, também fizera o mesmo, para não fritar as sardinhas das merendas e cuidar do asseio da casa do forno, que era essa a sua obrigação, como é actualmente a do garoto em questão.

Fugiu o Parolo; voz corrente daquela noite. Mas não. No dia seguinte, o Sergio foi dar com êle aninhado na casa da lenha, entre um moate de fitas de carpinteiro. Já não é a primeira vez que isto tem acontecido, com êste e com outros. Têm medo da água, dos lençóis, do sabão. Outra desgraça dêles e nossa!

Se aqui fôsse sitio de jeremiar eu havia de dizer dos trabalhos da nossa governante e também dos trabalhos que nós fazemos sofrer, antes que esta sorte de rapazes comece a sentir-se bem no limpo! Mas o rapaz levou pra tabaco naquela manhã. O Sergio arrastou-o para a casa de banho no meio de grande vivório dos companheiros e ali abriu o facto e castigou-o com picadas de água fria, naquela manhã de inverno. O rapaz saiu a fumar e a jurar que nunca mais Veremos.

**V**ENHO agora tempos do monte de Calvos onde temos água, mato e lenha. De manhã muito cedo, partiram de enxada aos ombros o Pepe e o Rio Tinto e o Celorico e o Mário e o Maximiano. No caminho, topei o Fernando, que regressava com um cesto às costas, de lhas tor levado de comer. Foi uma panela de caldo. Uma caçoila de arroz. Uma talhada de carne. Pão e vinho.

Era de tarde, quando me apresentei. Já há muito que os estava observando, antes que êles dessem comigo. Silenciosos, contentes, roçavam na terra parda o mato dos nossos gados. Não sei o que êstes cinco rapazes darão, mas sei o que dariam, se andassem na vida que tinham. Prevenir é melhor do que remediar.

No dia seguinte foram as nossas duas juntas de bois atreladas aos nossos dois carros a chiar, — a música sacra dos campos. Eu chamo a isto as verdadeiras festas de caridade, pelos elementos que a compõem. As dos salões, com a senhora do fulana a cantar o fado, desandam, em regra, em volúpia da carne.

**O**NTEM chegou o António. E' natural do Pôrto. Já tinha cá aparecido por duas vezes e de ambas se foi embora, mas desta ficou. Enquanto os refeiteiros punham a ceia na mesa, eu tomei o recém-chegado para ao pé de mim, e começamos a deambular, no extenso refeitório.

— Eu andava mesmo mortinho por vir para cá.

— Porquê?

— Porque eu roubo muito!

— Mas é por doença?

— Não senhor; desencaminham-me.

O pequeno tem nos olhos muito rasgados. E' muitíssimo comunicativo. Gosta de trabalhar e já tem obrigação, pelo que tem merecido grandes interjeições.

Eh pá, tu és formidável. — ouvi eu dizer-lhe o Bártolo de Leiria, o *meia-lua*.

**O** Amadeu andava há muito tempo em esta de um sapato que lhe faltava. *Que é do meu sapato?* E ninguém dava informações. Ontem, na escola, deu com êle nos pés do *Chegadinho*. O professor que conte o que então se passou!

E agora por sapatos, o Zé Eduardo (o cabeça no ar) anda também por aqui muito doloroso porque não sabe o que foi feito dos dêle.

**H**OJE de manhã, quando eu vinha da igreja, dei com um dos cozinheiros, o Constantino de Coimbra, a dar de comer à galinha que temos nos ovos. São desanove. Tomou a com grande cautela, pôs a fora, no terreiro, a comer milho de um prato esmaltado. E depois, o Constantino, enquanto defendia a galinha choca, *ralhava* com as outras galinhas, que também queriam meter o bico no comer da futura mão. Do beiral da cozinha, pombas das nossas arriscavam um vôo furtivo e os perus, refilões, entendiam que o sol nasce para todos e faziam por participar.

Eis as graciosas malhas; silvas sem espinhos, onde estas almas se prendem e tomam gosto à vida!

**O** rapaz, que é do sapato do pé esquerdo?

— Foi o Oscar.

— Que fez o Oscar?

Há pouco mais de um ano que um grupo de três ex-distintos alunos da rua, acenderam lume novo na chama da Casa do Gaiato de Coimbra, e vieram de lá com êle em braza, fundar a Casa do Gaiato do Pôrto. Pois um desses mesmo que então veio e mais dois dos que ao depois vieram, levaram hoje lume de cá, e foram acender com êle a sucursal do Pôrto.

Lume novo. Palavra nova. Transfiguração do «Lixo das Ruas».

E' possível, até, que pela força desta luz haja quem a não possa encarar, cerrando os olhos, como outrora fizeram os Discipulos do Mestre. E' possível. Quizera eu que ao

— Veio hoje de manhã à minha cama e levou-o para o Pôrto. A' noite, chega o Oscar.

— Que é do sapato do Augusto?

E' tal o sarilho que êles arranjam, que ninguém chega a apurar coisa nenhuma. Só um agente da Polícia de Investigação. Por falar em sapatos: O Zé Eduardo (o cabeça no ar) apresentou-se hoje domingo, na missa de fato bom, gravata, sobretudo, um amor, — e descalço.

O domingo, nas nossas casas, é um dia diferenciado, cheio de tradição cristã. Gosto muito da designação que corre: *a roupa da missa*. Não há trabalhos. Os cozinheiros apuram-se. A's vezes há aletria. E' o *dies domini*. Pois o Zé Eduardo é o meu ajudante de missa. Quasi sempre se esquece do livro. Raras vezes chega a horas.

— Descalço?

— Perdi os sapatos!

A gente tem mais, mas êle há-de andar assim até os encontrar. Que faça como fez o Elvas, que também perdera um sapato, e foi dar com êle nos pés do *compadre-chegadinho*.

Esta é a franca disciplina dos nossos rapazes. A disciplina dêles. A que os educa. As disciplinas dos regulamentos e quejandos, são hirtas de mais. São boas para os cadáveres. Aqui há vida. Ora eis.

**F**oi o Carlos que fez! Fez tudo, *sôpa e conduto!* A's vezes oiço esta novidade dos pequeninos serventes de mesa, pedindo ao mesmo tempo para eu ver a *sôpa: ora cheire!* Eu cheiro.

Há um frémito de entusiasmo nestas singelas comunicações; o saber do irmão cozinheiro glorificado pela comunidade infantil, por isso ela cheira tão bem, mesmo que mal adubada!

Porque não havemos de fazer assim, nas mais casas dêste género? Para quê o assalariado, a tirar sabor e graça ao que de sua casa o tem?

**P**LANTAMOS este ano 30 macieiras, 50 pereiras, 50 ameixeiras, 15 laranjeiras e 15 tília. O ano passado, tinhamos pôsto videiras sem conta. As tília foram oferta do Pôrto, de uma casa do género que nos oferece o que quisermos. Parte das ameixeiras, também outra casa do Pôrto as ofereceu. O resto das árvores, que vieram de Castrumil, trouxeram um deconto muito considerável.

Dentro de poucos anos, se por cá andar, hei-de ter a enorme satisfação de observar de longe o namôro que os garotos costumam fazer aos frutos suspensos das árvores; e a rara habilidade que êles mostram na arte de os comer. De uma vez, em Miranda, um dos nossos pequenos comeu tôdas as pêras de uma pereira! Como? Ia de noite à árvore e deitava duas pêras ao chão. No dia seguinte, aproximava-se com olhar piedoso. *Posso apanhar aquelas duas pêras caídas?*

O antigo Zé das capoeiras está agora de facha à retrete e o Mário, o caveira, tomou posse do lugar.

abri-los em franco despertar, não vissem neste Tabor senão somente Jesus, tal qual os apóstolos! Sim, digo bem, transfiguração. Só a Caridade é capaz de realizar este prodígio, a verdadeira, tal como se en-

## LUME NOVO

contra em gema no seio do próprio Deus.

Aquela mesma que não sofre nem admite caricaturas, tal como se encontra nas festas do suposto bem fazer.

Senhor, eu acredito no amor porque creio na justiça, na

## Festas em Viana do Castelo

Não foram as da Agonia. Trata-se de uma palestra festiva num teatro e da festa que fizeram algumas Meninas de gente d'algo, nas ruas da cidade, a vender «O Galato».

Não sei se é uso chamar-se «rainha» à cidade de Viana, como costumam fazer a outras, quando os rios lhes passam ao pé. Se não é assim, portou-se como Rainha e eu quero chamar-lhe aqui a «rainha do Lima».

Deram-me roupas, calçado, brinquedos, medicamentos, uma aliança de ouro, um rôr de assinaturas de «O Galato», coisa que muito me agrada; e colheu-se uma pancadaria de notas e de moedas no teatro e nas igrejas.

Foram-me busoar ao Pôrto num carro ligeiro e da mesma sorte me levaram a Paço-de-Sousa. Ninguém diga mal de Viana ao pé de mim.

## Prenda de anos

Ontem trouxe o correlo uma caixa muito pequenina e muito bem apresentada, de onde eu logo concluí ser ouro para o oalço; as coisas boas veem sempre dentro de caixas pequeninas.

Cortado que foi papel e fio, notei que havia outra caixa mais pequenina com a legenda: «para o Periquito, de um amigo de todos vós» pelo que se me foi embora toda a esperança do ouro, flando somente a curiosidade de saber o que vinha dentro.

Abri com muito goitinho. Era um assoblo de pau.

Imediatamente me dirigi à enfermaria, onde o Periquito tem estado com uma coisa em uma perna. «Toma lá o assoblo e lê êste papellinho». O Periquito tomou em suas mãos a delirante prenda de anos, a primeira que nos aparece no género e começou logo a soprar. Como não estavamos afelto cá em casa àquelas estridências, sempre que Periquito toa, val logo a pergunta:

— Que é aquilo?

— E' o assoblo do Periquito.

Nunca se ouviu já mais que algum doente tenha chamado, por tão pouco, tantas vezes, o enfermeiro. Volta e meia ouve-se o ruído; é êle a chamar. Se começam a vir mais assoblos, estamos desgraçados.

Vossa justiça imanente. E' impossível que este «lixo» social, não se levante contra a própria sociedade que o produz!

### Notas da redacção

O número da nossa Casa é o 682 da rua D. João IV. Tem carro à porta e fica a 10 minutos da Baixa. Um armazem onde fomos comprar 100 metros de pano para lençóis ao saber do que se tratava disse logo: leve lá isso!

Os nomes e as obrigações dos seus habitantes, serão dados à estampa a seu tempo.

«O GAIATO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# CRÓNICA DA NOSSA "ALDEIA"

São muitos os que freqüentam a escola da Casa do Gaiato. Temos, não só a do dia

PELO  
JOSÉ  
EDUARDO

como a escola nocturna. Os da Escola da noite tem menos tempo do que os de dia. Os de dia tem 4 horas e os da noite 2 horas. Só andam na escola do dia aqueles que tem as obrigações mais indispensáveis, como as de limpar as ruas cá fora, os roupeiros, os das camaratas, os refeiteiros, etc. Só os do campo e os das cozinhas é que vão à escola nocturna. E' escusado citar os nomes porque os melhores já muitos o sabem. Nenhum podem faltar à escola.

Os professores que nos ensinam são muito bons professores. O da escola do dia é o Senhor Madureira, Ajudante do Posto do Registo Civil de Paço de Sousa. O da Escola da noite é o Snr. Almeida. Por enquanto ainda não provei nenhum bôlo na escola do meu professor. Agora está estabelecida uma ordem. Todos os alunos que entrarem passado já 5 minutos da entrada do professor é castigado.

III

Temos uma galinha no chôco e muitos rapazes puzeram o nome nos ovos a ver se o de cada um saía pintainho vivo ou morto.—«O' coisa, vou fazer aqui o meu nome neste ôvo a ver se ele sai vivo ou morto.»

III

Agora não vai ninguém para a beira do rádio. Só podemos ir para lá quando alguém que saiba daquilo estiver ao pé.

III

Precisamos muito de figos para as nossas merendas porque estamos a comer bacalhau frito por não haver figos.

III

Andam agora todos com as mãos estragadas por causa do frio. Muitas vezes ouço dizer ao pé das fogueiras.—«O' coiso chega te para lá que eu também me quero aquecer, não és só tu». Mas a senhora que não é para cócegas, chega ao pé de nós e zás uma canada em cima e nós toca a fugir.

III

O óleo de fígado de bacalhau está-nos a fazer muito bem, mas muitos não o querem tomar mas a gente diz-lhe se eles não tomarem que não bebem vinho do Pôrto e eles toca a beber se querem.

III

Muitos queriam ir passar o Natal a casa mas o Snr. P.º Américo não os deixou ir. Só foram 2 a casa passar o Natal, o Porto e o Monteiro.

III

Agora de manhã custa muito levantar porque está muito frio. Os chefes consomem-se, para nos le-

# DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Homens de boa vontade.—Gente que compreenda; que persevere, que se canse de dar quando eu me cansar de pedir. Eis o do que nós necessitamos.

Mais de Sinfães, da Direcção de um clube, um pacote de camisolas. Mais um pacote de roupas do Pôrto. Mais um. Mais um. Mais no Depósito 50\$00, e 100\$00, e 310\$. São números ímpares, a dizer que muitos devem ter entrada na conspiração do amor! Mais 100\$00 por alma do meu irmão. Mais 50\$00. Mais o mesmo. Mais 52\$50. Mais 20\$00 a pedir a paz. Pedir a paz é muito; merecê-la é tudo. Mais 20\$00 e mais idem. Mais uma panela de ferro esmaltado e competente caçarola, ambas as peças de grande capacidade, com Casa do Gaiato por fora e uma pancadaria de objectos de esmalte. Mais 100\$00 do Sindicato dos Empregados de Escritório. Mais 50\$00 de Lisboa de um que tem pena de não poder dar mais. Mais 100\$00 do Pôrto. Mais 150\$00 de um visitante. Mais outro tanto do Grupo dos Catraios. Mais 200\$00 de uma Firma do Pôrto. Mais 50\$00. Mais 273\$50 das alunas de um Liceu. Mais 200\$00 nas ruas do Pôrto. Mais 100\$00 nas de Coimbra.

Mais 100\$00 e mais 20\$00 em um Ministério de Lisboa. Foram dois Senhores, que sacaram da sua própria algibeira, coisa rara. Mais 100\$00 de visitantes. Mais 50\$00 de uma subscrição feita entre alunas de um Liceu,—conspirações de amor! Mais uns brincos de ouro para o cálice e se já não fôr preciso dê-lhe outro destino. E' preciso sim senhor. Havemos de chegar à conta, sem dúvida, mas ainda, lá não estamos. Mais uma moeda do mesmo metal, que só é vil pelo uso mau que dêle se faça. Mais no Banco Espírito Santo 50\$00 do grupo dos Catraios do Pôrto e mais 20\$00 do grupo Fundação de Portugal. E' a voz colectiva o querer levantar um Portugal maior, a proclamar os direitos da criança, e dizer que sim à *Obra da Rua*. Dizem pr'af que ela não presta por não ter finalidade. Saiba eu ser fiel ao dom que Deus me deu; só de mim é que eu tenho mêdo! Do que

vantar. «E' pá fora da cama!» E a gente debaixo dos cobertores diz: —«Só mais um bocadinho para aquecer os pés!

Uma vez que o Zé Eduardo aqui vem falar nos figos, quero eu falar também de uma que êle praticou com os figos. Foi mandado à venda comprar quatro quilos para a merenda daquele dia e no caminho, encheu as algibeiras. Tirou-os do sacco. Tirou-os à razão dos companheiros. Fez aos seus irmãos o que não gostaria que lhe fizessem a êle; e eis aqui o grande mal. Ora o Zé Eduardo é responsável, porque é muito inteligente. Ele quer ir estudar e eu também quero que ele o faça, mas tem de me dar provas de fidelidade nas coisas pequeninas, sem o que não o mandarei jámais cursar letras. Tenho muito respeito pela ciencia, para mandar para lá um qualquer. Que o Zé Eduardo leia e guarde e mereça.

dizem e do que pensam, não se me dá. Mais um pacote de roupas no Depósito. Mais uma aliança de ouro que um Rapaz me deu no combóio. Tenho sómente metade do ouro que necessito para o fim aqui publicado. Se a estrela que outrora guiara os Magos ainda se não apagou, há-de vir mais, a seu tempo. Há-de vir o preciso. E' para o mesmo Senhor. Mais de um visitante 100\$00 e 50\$00 de outro e 50\$00, para a Conferência, de um outro.

Mais 250\$00 no Banco. Mais 100\$00 de Visitantes e mais 20\$00 idem. Mais 20\$00 de Oliveira de Azemeis. Mais 107\$50, subscrição do Professor e alunas do Instituto Britânico do Pôrto.

A pintora Maria Eduarda Lapa vendeu a favor da nossa Obra os catálogos da sua exposição no Pôrto. Fôram por ele os irmãos Elvas que chegaram radiantes com os 640\$00 recebidos.

# ASSINATURAS PAGAS

Maria Saraiva Aguilar, de Fozcoa, 25\$00  
Georgina Barros Gomes Ferreira, do Pôrto, 100\$00; Marta Emaus Leite Ribeiro, de Lisboa, 50\$00; Maria Cristina Campos de Melo, 50\$00; Maria Adelaide Campos de Melo, 50\$00; Alda da Silva Pinho, 20\$00; Margarida Pereira Eliseu, 20\$00; Maria de Lourdes Oliveira, 20\$00, todos de Lisboa; Padre Manuel de Oliveira, de Avelãs do Caminho, 20\$00; Celeste Pinho, de Avelãs do Caminho, 20\$00; Clotilde Costa Pinto Casal, de Lisboa, 25\$00; António Sampaio e Melo Vasco, de Lisboa, 25\$00; João Maria dos Santos Ventura, do Fundão, 50\$00; João Pereira, do Fundão, 10\$00; Maria Raquel de Vasconcelos Themudo, de Coimbra, 30\$00; menino António Correia Teixeira, de Portalegre, 50\$00; Padre Manuel Matias, de Montforte da Beira, 30\$00; Maria Belarmina de Castell-Branco Vasconcelos e Sousa, da Capinha, 50\$00; Maria Eugénia Novais, de Valadares, por meio ano, 20\$00; Maria Virgínia de Melo Moreira, ano de 1945, do Pôrto, 20\$00; Padre José Maria de Lacerda, de Paredes da Beira, 4\$00; Gabriel de Oliveira, do Pôrto, 100\$00; Vitorino Coelho, 50\$00; Armandino Costa, 50\$00; Anselmo Ferreira Neto, 50\$00, todos do Pôrto; Dr. Umberto Almira, de Lisboa, 50\$00; Maria Manuela de Andrade e Sousa, de S. Braz de Alportel, 100\$00; Maria Alice Nascimento Novais Montelero, de Fráguas, 20\$00; Maria Luíza Machado, do Pôrto, 50\$00; Dr. José de Paiva Boleo, de Lisboa, ano de 1945, 200\$00; Maria de Abreu Valença, de Braga, 20\$00; Fernando Almeida Azevedo, de Vinãna do Castelo, 50\$00; Adélia de Moraes e Costa, de Paredes, 50\$00; Maria da Conceição Coelho da Rocha, de Vandoma, meio ano 12\$00; Maria Lucinda Montes, do Pôrto, 20\$00.

Vasco Bernardo da Silva, ano de 1945 do Pôrto 25\$; Henrique Cortesão de Lisboa 50\$; Dr. José dos Santos Cravina de Lisboa 20\$; Raúl Costódio da Silva do Pôrto 5\$; Augusto Spratley Pinto da Silva Júnior do Pôrto 25\$; Maria Amélia P. Lima de Esposende 25\$; Maria Clementina de Oliveira anos de 1914 45 40\$; José Manuel Tengarrinha de Portimão 20\$; José de Sousa Oliveira de Valongo, 20\$; José Baptista Fernandes Aldeia de S. Francisco de Assis 15\$; Manuel da Fonseca C. Mendes de Frelhes 15\$; Manuel Duarte Curto de Unhas da Serra 10\$; António do Patrocínio Gonçalves de Ferro; 15\$; José Mendes Nunes Gil de Silveiras 15\$ Albina Rosa da Fonseca de Louzada 20\$; A. Costa ano de 1945 do Pôrto 20\$; Joaquim da Silva Mougá de Lisboa 25\$; Maria Olimpia Alexandre do

# Pobres de Cristo

Continuamos a visitar os pobres. O de Bairros, continua na mesma a vir cá buscar a esmola. Não se queixa de nada nem que lhe falta alguma coisa.

A do Assento, continua doente e quèria muito que lhe dessem a roupa ao outro filho porque êle anda cheio de frio. Também ela quèria alguma roupa para ela porque só tem a que traz vestida. Precisa muito de uma panela para fazer a sôpa porque estava a fazer um pouco de arroz do que lhe demos e quebrou-se a caçarola e não tem onde fazer o comer.

O de S. Lourenço, continua cada vez pior. Precisa muito da cama que já ma anda a pedir há muito tempo porque estão a dormir deitados em cima dum colchão com 2 cobertores já todos rôtos. Também só tem uma colher e um garfo já todo velho.

O Secretário,  
José Eduardo.

# O Periquito

O Periquito, tornou a fazer anos no dia em que recebeu um cinto daquela casa do Pôrto, que eu desejaria não fôsse a Glória, por amor dos nossos gaiatos. Deus-lhe a prenda. Teve palmas.

Bombarral 30\$; João Augusto Pereira Bruno do Bombarral 19\$; Valter Pinto de Castro do Bombarral 10\$; José da Silva Mougá de Lisboa 20\$; Vitorino Soares de Barros do Bombarral 20\$; Arício Soenz de Menezes Cardoso do Bombarral 20\$.

Mapril Fonseca de Paúl 20\$; Alberto Francisco do Bombarral 20\$; Idalina Alvas Dias de Lisboa 50\$; Artur Ferreira do Bombarral 20\$; Maria Amélia Ribeiro de Delgada 20\$; Artur de Moura de Portugal e Brito do Pôrto 30\$; Joaquim Teixeira de Almeida do Porto 50\$; Lucas de Almeida Frazão da Foz 25\$; Maria Ribeiro Ferreira do Porto 50\$; Ilídio Jorge Baptista Alves Cameirolla Trofa 20\$; Delfina de Jesus Marques Fernandes do Pôrto 12\$; Maria Amélia Maria Amélia Ruivo de Figueiredo da Mealhada 20\$; Maria Celeste e Montar de Albergaria-a-Velha 30\$; P.º José Martins de Cantanhede 20\$; Maria Constança Leite de Freitas Fernandes de Guimarães 50\$; Adelino dos Santos Azevedo 50\$. (Menino de 6 meses) António José do Amaral Santos Gomes do Bombarral 25\$; Snr.º Andrade Ventura ano de 1945 de Lisboa 50\$; Maria Celeste Guimarães Lopes da Murtosa 25\$; José da Piedade Júnior de Lisboa 20\$.

N. B. — O Júlio trouxe do Porto o dinheiro da assinatura de Sapataria Coelho. Não é assinante nem sabemos onde mora. Quem será?

# Doutrina Social

Continuação da página 1

ruas e trazer para Paço de Sousa, um seu antigo companheiro de moynice. Eles querem salvar e querem salvar-se. Ajudai-os a construir a aldeia.

E' um socorro indefinido, um socorro de todos os tempos e de tôdas as estações, um socorro para uma sociedade mais santa e mais sã; socorro, finalmente, para um Portugal mais feliz.

# OS QUE FOGEM

Pela terceira vez fugiu-nos um pequenino vadio, depois de ter

estado alguns meses em nossa casa, que era também a casa dele! Das duas primeiras vezes regressou; à terceira ficou. São muito poucos os dos nossos que teem documentos e as declarações que eles fazem não são de acreditar. Este disse, à chegada, ser da cidade do Pôrto e não saber do pai. Quasi todos dizem o mesmo: *O meu pai fugiu. E é verdade!*

O movel da fuga foi o natural horror da criança ao trabalho. E' um remédio obrigatório nas nossas casas,—o trabalho. Os «doentes» que o não querem tomar, fazem como este fez. Os fugitivos desta sorte, uma vez interrogados pelo povo, hão-de naturalmente defender-se de qualquer maneira e aqui nascem as lendas. Não é de estranhar que elles inventem e o povinho acredite. Que havia de ser do mundo sem boatos!

Ora muito bem. O nosso fugitivo foi encontrado uma destas noites no Pôrto, à porta de uma Pensão. O médico da Casa do Gaiato estava e observou. O rapaz estendia a mão a todos os que entravam, e também a estendeu ao médico, mas logo a retirou, envergonhado, ao reconhecê-lo. Dentro de alguns minutos, àquela hora e naquele lugar, foi visto um senhor que lhe deu um jornal para o pequeno se sentar, pois que estava na pedra nua, e um outro que lhe dera cinco escudos. Com estas armas na mão a criança está apta a disparar contra si mesma, tiros de morte. Quem sabe? Talvez o pai *o que fugiu*, tivesse igualmente queimado as asas, em pequenino, na luz falsa das cidades, e deixado, assim, este encargo à nação!

Quem sabe?

Não temos esperanças de um novo regresso deste garoto. E' o terceiro caso de fugas definitivas. Nada de alarmar. Não me causa espanto nenhum a fuga dos três; o que me admira é como estão aqui 70 dêles!

P. S.—Chegou agora mesmo o peregrino, após a terceira fuga. Saiu do Pôrto de manhã, e deu aqui à noitinha. Eram horas de ceia. Mandou-se entrar naquele mesmo estado sujo, esfaimado, com a roupa que daqui levava, agora no fio. A luz do refeitório cobria-o. Fiz que ele girasse sobre si mesmo duas vezes, lentamente, para que todos vissem. Um silencio eloquente invade a alma dos pequeninos circunstantes, suspensos no quadro vivo.

—Vejam bem a lição que nos traz hoje aqui o *Sapegado*, disse eu.

—Estou arrependido, exclama o aventureiro.

O *Sapegado* não veio só; trazia um companheiro, do Pôrto. Insistiu lacrimoso: *eu não tenho ninguém!*

E nós não temos espaço. Dormiu aquela noite. Mandei-o ao Porto rapar o cabelo e que fosse a um médico pedir atestado e que viesse daí a quinze dias, na esperança de que ele não mais voltaria. Há mães que fazem o pão azedo, para que os filhos comam pouco; tão pobres e tão Mães!

Eu azedei o contrato, mas de nada me valeu. O rapaz nem sequer foi ao Pôrto. Chegou à povoação de Cete, rapou-se, foi ao Médico José Maria e: *aqui estou!*

Este caso vem muito a propósito para lembrar aos Amigos da Obra que me não peçam lugares. As cartas são às chusmas. Se ele custa receber lágrimas no papel, quanto mais ve-las rolar na face destas crianças — *eu não tenho ninguém!*

# VENDA DO JORNAL

Mal vinham os catraios a chegar, quando eu oiço o Elvas: **VENDA BESTIAL!**

Este é o superlativo absoluto que eles sabem, para designar o êxito das coisas que se lhes confiam. Aqui foi assim. Tantos venderam quantos levaram e daí o **BESTIAL**.

O João vendeu dois livros, deu 10\$00 à sua Mãe, trouxe duas assinaturas e 7\$50 a mais. Vinha todo enchado com umas luvas que lhe dera o senhor onde êle foi comer.

O Luciano entregou 23\$50 de acrescimos, deu 10 sopas e pão, da Legião; trouxe uma esmola de um senhor, dada no **RIALTO**, uma assinatura e duas caixas de lapis de lousa, que também lhe deram, parece que no edificio do **Rialto: FOMOS DE ELEVADOR!** Tive de ouvir aqui da boca dos cinco, como é que se anda no elevador. A creança, mesmo a das ruas e até por ser das ruas, ama as grandes expansões. O Luciano comeu em casa do **«Zé sem mais nada»**. Comi coisas boas e creme. Os nomes que elles aqui improvisam para designar as tais «coisas boas», enchiam um numero especial de **O GAIATO**.

O Oscar comprou um frasco de cheiro prá senhora, vendeu 3 livros, trouxe 53\$75 a mais e uma assinatura. Deu uma lembrança à Mãe. Comeu na Pensão por 6\$00.

O Amadeu e o Julio foram comer «ao senhor das botas. «O' rapaz, bota abaixo!—Está no nível?». E' assim como o senhor das botas os incita, segundo o Amadeu me contou.

Este trouxe 75\$00 de acrescimos e o irmão um nadinha mais. Ainda não perdeu a camisola amarela. Para a vila de Paredes, no dia seguinte, seguiram o Oscar e o Amadeu. Venderam tudo. Trouxeram, assinantes.

«Olhe uns socos!» Era o Oscar, com um par de tamanhos novos. «Foi um senhor de Paredes que mos deu. Todos se apropincueram. Alguns tiravam medidas, a vêr se dava para os seus pés. Mas o Oscar não embarcou.

## Forgunêta

Quem sabe se terá sido por causa do galicismo, que o carro ainda não apareceu?! Da outra vez apareceu **FOURGONNETTE**. Espera-se que agora, com a palavra portuguesa, saia o número premiado.

# NOTICIAS da Casa de Miranda

A irmã do pobrezito do Vale Salgueiro disse que o velbitito tinha-se deitado e que teve tôda a noite a gemer e por isso estava pior. Já demos os três cobertores aos pobrezinhos mais necessitados. A ti Laurinda, até faz chorar e disse que passava muitos dias sem comer nada e sem ter de comer para dar aos filhos. Também disse se a gente cá tinhamos uns sapatitos mesmo velhos que lhe dessemos. Sempre que a gente lá vamos levar a esmola pergunta-nos se nos queremos aquecer. A ti Maria, teceadeira quando nós lá fômos levar as esmolas estava aquecer o café e estava a comer um bocadito de borôa e perguntou logo se a gente eramos servidos. Já tinha o telhado arranjado, mas deixou lá tres buracos e a gente perguntamos para que era e ela disse que era para entrar mais claridade.

A ti Maria dos cacos estava a fazer uma sopita e quasi que não se pode levantar. Ela disse que já se tinha confessado mas que já tinha sido à muito tempo e para dizer-mos ao Sr. Padre Adriano para ir lá à tarde confessá-la e também disse que talvez para a semana já tivesse morrido porque está muito mal. A ti Inocência bebe cá todos os domingos o café porque vem à missa e comunga sempre. Ela também disse se não fosse uma senhora africana que mora ao pé dela que o vizinho já a tinha atirado da escada abaixo. Se nós tivéssemos dinheiro havíamos de arranjar uma casa para ela.

O velbitito das Miãs quando lhe fômos levar a esmola, lá estava deitado na manjedoura coberto com o cobertor que nós lhe demos; mal se podia mexer. O pobrezito da Estação, rodeado de seis filhinhos, lá estava agradecendo a esmolita que lhe demos. Os senhores assinantes deste jornal se puderem mandar-nos alguma coisita agradeceríamos muito; lenhrai-vos: cem por um e a Vida Eterna, dizia Nosso Senhor. O mais pequeno bem que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos, a mim mo fazeis.

Agradecendo muito a todos que se interessarem pela conferência da Casa de Miranda.

O Secretário,  
João Carlos Freitas.

P. S.—E' melhor mandar as ofertas destinadas a Miranda directamente aos garotos visitantes.

O Lisboa e o Zé Maria foram à feira comprar um porquito. Levamos 150\$00 mas o dono do porco queria 145\$00 e nós tanto ateimamos que êle resolveu-se a dá-lo por 140\$00. Quando chegamos a casa o Sr. Professor disse que o porquito tinha sido barato e era bonito. Depois o Zé Maria foi arranjar-lhe o curral fazendo-lhe uma barraquita por causa da geada e logo ao meio dia comeu. Fomos lá os dois que é para aprendermos a comprar e a fazer preço. F No sábado foram seis meninos a Coimbra venderem *O Gaiato* e venderam hastantes.

Em Montarroio há um senhor que disse que quando fôssem a Coimbra para lá irem comer e em Celas também há uma senhora que também nos trata muito bem. A' Lousã foram lá dois meninos que venderam perto de 50 Gaiatos. A Miranda foram também dois meninos que venderam 30 Gaiatos.

**CHEGOU** mais um menino da Figueira da Foz que tem perto de três anos e vivia fechado num

# CARTA DE LISBOA A CASA DO ARDINA

"O nosso ardina é consciente, leal nas coisas grandes, bem como nas pequeninas"!

Antes de começar, deixa-me contar-te o que se passa na «Casa do Ardina», á chegada dum novo número do «Gaiato»! Aquêles de quem não falámos ainda, veem *ajustar contas* connôco: «Então, quando vem lá o meu nome»?... Rimos e animamos a confiar nos futuros artigos...

Em compensação há um outro feliz, por se ter visto citado a êsse vem dizer-nos em ar de novidade: «Sabe, hoje vem a falar de mim no «Gaiato»?... E conta-nos o que lá vem dito, como se não souberamos.

E dessa vez apregôam o jornal com mais entusiasmo, e, quando calha, até previnem o freguês de que vem lá o nome de quem lhe está a vender o jornal!...

«Ponha o meu nome no «Gaiato», sim?... E' o fecho habitual das nossas conversas... ardinias, amigas, intimas, dêsse dia.

E cá estamos nós a falar-te dêles *todos*, afinal, a dar graças ao Senhor pelas ajudas que nos dá e lhes dá, mas a citar apenas um ou outro, para não cair na sensaboria duma lista...

E desta vez falamos-te do *Justino*. Não que êle seja o melhor da «Casa», ainda está muito longe disso, mas porque começa a prometer muitíssimo, graças a Deus!

Estava êle um dia destes a limpar a sala das aulas, encontrou \$50 no chão. Toca de procurar a professora e lhos confiar, para procurar o... proprietário.

A professora, contente com o gesto do Justino, resolve perguntar a uns e outros se haviam perdido... \$50.

*Todos* contam e recontam o dinheiro, nada. A nenhum faltava dinheiro!! Nisto o *Carlos Dias da Silva* exclama! «Eu cá perdi, mas foi... 1\$00»... — «Então vai procurar os outros \$50»... dissemos-lhe a rir, ao confiarmos-lhe o dinheiro achado pelo *Justino*.

Quem é honesto com \$50, sê-lo-á um dia com contos de reis!...

Assim o esperamos! Confiamos no *Justino* e em *todos* os outros, que temos na «Casa do Ardina».

E já agora uma *confidência*: Vamos abrir brevemente *outra* «Casa do Ardina». Nada temos para ela ainda, mas esperamos tudo, tudo!...

Quem nos quiere ajudar?

MARIA LUÍSA

quarto. Não se sabe o nome dêle, as mulheres dizem que êle chama-se Manuel, êle diz que é Zé. E' muito brincalhão e tem uma grande barriga. Anda sempre a brincar com o Toneco e com o Rui.

N. B.—Em Paço de Sousa também hão-de ir à próxima feira dois dos nossos catraios, não comprar, mas vender alguns porquitos. Temos nove. Foi bom dar aqui nota do preço na feira de Miranda. Já ficam a saber quanto hão-de pedir.